

Começa nova fase na negociação da dívida

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, usou o que deveria ser, segundo a versão oficial, uma oportunidade para contatos preliminares com os representantes dos maiores bancos norte-americanos para indicar-lhes a intenção do governo de introduzir uma importante mudança no ritual das negociações da dívida externa. Em seis reuniões realizadas na segunda-feira e ontem, numa suíte do hotel Intercontinental, a ministra informou-lhes que, desta vez, as conversas vão começar em Brasília, e não em Nova York, como ocorreu no passado.

A ministra da Economia não deu aos credores a notícia que eles mais gostariam de receber, ou seja, quando o Brasil reiniciará o pagamento dos juros, cujos débitos em atraso atingem US\$ 4,5 bilhões, mas evitou também descartar a possibilidade de o País vir a realizar uma pagamento no futuro próximo. "Os pagamentos atrasados são uma preocupação legítima tanto dos bancos como das autoridades americanas", afirmou Zélia, depois de ouvir a reivindicação unânime dos banqueiros. Ela acrescentou, contudo, que o governo não tomará nenhuma decisão a respeito antes de completar a revisão do orçamento, no fim deste mês, "pois não queremos assumir compromissos sem saber se podemos cumprí-los". A declaração parece deixar aberta a possibilidade de o governo vir a fazer uma paralisação parcial de juros em junho

para diminuir as chances de uma reclassificação dos ativos brasileiros dos bancos norte-americanos por Washington, no fim do mês.

Se a resposta de Zélia sobre os juros era previsível, a iniciativa de inverter a coreografia da negociação surpreendeu e, em diferentes graus, deixou os banqueiros contrariados. William R. Rhodes, o executivo do Citibank que há seis anos dirige o comitê de bancos credores do Brasil, deixou o encontro visivelmente frustrado com o que ouviu. "Tivemos uma boa troca de idéias e concordamos em continuar a conversar", afirmou Rhodes, que é favorável ao início imediato das negociações e arrisca perder muito da grande influência que exerceu até agora nas negociações com o Brasil, caso o governo Collor leve a cabo a estratégia delineada pela equipe econômica. "Vamos ver no que isso resultará", acrescentou, antes de deixar o hotel, menos animado do que chegara, em companhia de um dos vice-presidentes do Citibank, Alan MacDonald.

Richard Simmons, presidente do Chemical Bank, disse que "qualquer negociação que não inclua o pagamento de atrasados vai ser difícil" e defendeu a negociação via comitê, que, segundo ele, "tem problemas mas foi sempre útil". (Leia também editorial na página 4.)

**Paulo Sotero,
de Nova York.**